

Projeto de urbanização de Vitória completa 100 anos



Christina Abelha

O ano era 1896. Os personagens principais, o presidente Muniz Freire, integrantes de seu governo, comerciantes, a Companhia Torrens e o engenheiro sanitário Saturnino de Brito. O resultado desta parceria foi um plano de expansão urbana para Vitória, uma área seis vezes o tamanho da cidade. Com o projeto prestes a comemorar um século, uma pesquisa sobre as origens da criação desta área ganha contornos literários, em processo de edição endossado pela Prefeitura de Vitória. A pesquisa deu grau de mestre, em 1985, ao hoje doutor em Arquitetura e Urbanismo, o engenheiro capixaba e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Carlos Teixeira de Campos Junior, com a tese **Novo Arrabalde: Aspectos da Formação Urbana de Vitória**, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo.

A publicação do livro, ainda sem data definida para o lançamento, é parte das comemorações do centenário do projeto Novo Arrabalde, que compreendia os bairros Praia do Suá, Santa Lúcia, Praia de Santa Helena, Praia Comprida, Praia do canto, Horto e parte de Jucutuquara.

— A publicação desse livro tem uma importância muito grande, porque é uma referência histórica do desenvolvimento urbano de Vitória. Esse tra-



para a municipalidade, tornar a obra acessível à população. Faz parte da nossa política cultural a edição de livros que contribuam para o resgate da nossa memória”, reforçou.

O secretário adianta que existem duas datas prováveis para o lançamento da publicação, que terá 2 mil exemplares em sua primeira edição. O dia 23 de maio, entrega do relatório dos trabalhos feitos pela comissão, chefiada por Saturnino de Brito e criada pelo governo do Estado para desenvolver o projeto; e 23 de junho, apresentação feita pelo engenheiro sanitário para o volume publicado do projeto.

A obra

no do Estado, porque eles seriam grandes beneficiados, do ponto de vista econômico da concentração dessa atividade na capital”, observa, percebendo aí um fato que diferenciava o processo de desenvolvimento de Vitória dos grandes centros urbanos brasileiros.

— A literatura corrente associava o crescimento da cidade ao processo de urbanização via implementação da indústria. Este era um caminho teórico, que apesar de verificar-se pertinente para estudar a urbanização de São Paulo, não se mostrou adequado para a compreensão de Vitória — completa.

Em busca de outras fontes teóricas, que apontassem uma nova perspectiva para entender

perspectiva de que a acumulação estava mais no setor comercial do que no produtivo. Isso, para mim, foi de suma importância, porque no Espírito Santo não se verificou o mesmo modelo de urbanização dos grandes centros como São Paulo”, explica.

Nova perspectiva

Com essa referência, mostrando que a centralização do excedente produzido estava se dando na esfera do comercial, na capital capixaba, Teixeira de Campos começou a trabalhar o processo de urbanização de Vitória, buscando compreender a sua modelação, “tentando perceber até que ponto essa nova perspectiva estaria criando mar-

Santa Teresa, onde havia a produção de café, escoada pelo rio Santa Maria, chegando à capital capixaba.

— Como essas regiões estavam separadas entre si, o importante era estudar a que influenciava a urbanização de Vitória, região esta que era de pequena produção. Aí, comecei a me perguntar quem era o governo Muniz Freire e quais as intenções dele, identificando que o crescimento da cidade estava muito relacionado à atividade de comércio, que de certa forma subordinava a pequena produção. No discurso do próprio Muniz Freire, ele manifesta o interesse de transformar Vitória num grande centro comercial como Paris e Londres. O desen-

rens, estudos para o Porto de Vitória. Descobrir as razões que motivaram a proposta do projeto Novo Arrabalde resultou na pesquisa sobre o processo de ocupação territorial, a política de imigração e de terras, no Brasil, e a análise de seus desdobramentos no Espírito Santo. Vitória, segundo a pesquisa de Teixeira de Campos, desenvolveu-se seguindo a lógica das cidades da faixa litorânea, que cresceram destinadas a produzir para atender às necessidades do mercado externo.

Para o pesquisador, não resta dúvida de que o peso da atividade comercial teve influência no rumo das decisões do governo

O primeiro estudo de urbanização da região norte está completando 100 anos e será homenageado com o lançamento de um livro, resultado das pesquisas do professor Carlos Teixeira para preparação de sua tese de mestrado.

cia histórica do desenvolvimento urbano de Vitória. Esse trabalho desvenda as razões e consequências do plano de expansão urbana da cidade – assegurou o secretário municipal de Cultura e Turismo, Jorge Alencar, à frente do projeto. Ele lembra que, atualmente, a tese já é uma fonte de pesquisa, “só que restrita a um pequeno público. É responsabilidade dessa administração, por sabermos da importância desse documento

A obra

Desvendando as estratégias de Muniz Freire, ao querer promover o desenvolvimento urbano de Vitória, Teixeira de Campos identifica vários atores interessados no processo de produção da cidade. “Há o setor comercial, o Estado e os produtores rurais. O que consigo identificar é que o peso da atividade comercial teve forte influência no rumo das decisões do gover-

teóricas, que apontassem uma nova perspectiva para entender o processo de geração de riqueza, o pesquisador encontrou a bibliografia de José de Souza Martins, que apontava na chamada urbanização dos investimentos. “A cidade não nasce aleatoriamente. Ela tem uma dinâmica própria relacionada às atividades produtivas, que no caso de Vitória, naquela época, estavam no campo e não na cidade. Então, passei a trabalhar a

ceber até que ponto essa nova perspectiva estaria criando marcos”, arriscou.

Ele definiu três regiões distintas, três pólos comerciais, como objeto de estudo. São Mateus – região Norte, por onde escoava a produção de mandioca, sem passar por Vitória –, Cachoeiro de Itapemirim – região Sul, com a produção do café escoando pelo Rio de Janeiro – e a região Central, que englobava Santa Leopoldina e

num grande centro comercial como Paris e Londres. O desenvolvimento para ele se dava pela via comercial – revela o professor.

Para isso, Muniz Freire planeja uma infra-estrutura, criando duas ferrovias: a Vitória-Minas e a Estrada de Ferro Santa Leopoldina, também conhecida como Ferrovia Sul do Espírito Santo, para concentrar o comércio do café em Vitória, além de encomendar, à Companhia Tor-

de comercial teve influência no rumo das decisões do governo do Estado. “Ele seria o grande beneficiado com a concentração da atividade comercial, na capital, o que culminou com a criação do Novo Arrabalde, um projeto concebido não só com a preocupação sanitária, mas estética. Este traçado de ruas largas, que vai completar cem anos, é o mesmo existente nos bairros até hoje”, conclui.

Engenheiro projetou cidades e ruas por todo o país

Francisco Saturnino de Brito, engenheiro sanitarista carioca, nascido em 1864, obteve diploma de curso superior pela Escola Polytechnica, em 1886, no Rio de Janeiro. Iniciou carreira profissional trabalhando no traçado e construção de ferrovias em Minas Gerais, Pernambuco e Ceará, até 1892. No ano seguinte, realizou seu primeiro contato com um problema urbanístico: o levantamento da planta topográfica da cidade de Piracicaba, São Paulo. Em 1894, trabalhou junto à Comissão da Carta Cadastral do Rio de Janeiro. Com a experiência adquirida e as questões técnicas da topografia, forneceu o princípio fundamental de seu urbanismo – traçado de acordo com o relevo –, assim como a base técnica para seus projetos de saneamento e seus planos de conjunto e extensão.

Saturnino de Brito via, em uma topografia acidentada, a necessidade de as ruas se adequarem às linhas de drenagem das águas pluviais, de tal modo que os sistemas viários e de escoamento das águas pluviais coincidissem. Também considerava a possibilidade de aproveitamento das características pitorescas do terreno para obtenção de efeitos artísticos. Esta preocupação com a dimensão estética aparece em seu primeiro trabalho, quando ainda era estudante, publicado em número da **Revista Polytechnica**, em 1882, sob o título **Apontamentos de geometria analítica**, onde escreveu: “para o estudo da geometria analítica, não bastam a aplicação da inteligência: é necessário ainda reconhecer nela o que há de belo”.

mento das águas pluviais coincidissem. Também considerava a possibilidade de aproveitamento das características pitorescas do terreno para obtenção de efeitos artísticos. Esta preocupação com a dimensão estética aparece em seu primeiro trabalho, quando ainda era estudante, publicado em número da **Revista Polytechnica**, em 1882, sob o título **Apontamentos de geometria analítica**, onde escreveu: “para o estudo da geometria analítica, não bastam a aplicação da inteligência: é necessário ainda reconhecer nela o que há de belo”.

Preocupação estética

A preocupação de Saturnino de Brito com a estética da cidade estará presente ao longo de toda a sua obra. Mas, o primeiro fator a ser considerado no traçado de ruas ou nos melhoramentos urbanos é sempre, segundo ele, o sanitário, não desprezando também o aspecto econômico. Em artigo escrito no **Jornal do Comércio**, em 1907, escreveu: “Os traçados mais belos e racionais dos novos arrabaldes e de melho-

ramentos dos existentes são aqueles que procuram tirar das linhas, das superfícies das construções expostas à vista do transeunte e das circunstâncias naturais todo o partido estético sem, entretanto, nos esquecermos de que suas ruas e esses quintais devem ser esgotados das águas pluviais e dos dejetos de suas casas e sem nos esquecermos também de que todos os trabalhos públicos devem ser feitos com a precisão econômica. Nem a geometria reta dos esquadros, nem os traçados extravagantes, **modern style, a pistolet**.

São projetos de Brito, a expansão da cidade de Santos (1905), o saneamento de Campos (RJ), além da área do Novo Arrabalde, em Vitória, entre outros. Com ele, introduz-se no Brasil a idéia de planejamento urbano, no quadro de uma nova racionalidade, que penetrou no âmbito do político, através de uma racionalização administrativa e um tendência centralizada. O engenheiro sanitarista morreu no ano de 1929.

Curiosidades sobre os planos do engenheiro

O nome da avenida Norte-Sul, hoje Leitão da Silva, foi dado por esta via seguir com pequena inclinação o meridiano e pode concretizar para esta sociedade os sentimentos pela fraternidade da comunhão brasileira. A avenida da base – composta efetivamente de duas seções – Ordem e Progresso (atual desembargador Santos Neves, na Praia do Canto), é um justo pleito ao lema da política Positivista. A avenida Ocidental (hoje Rio Branco) lembrará, àqueles que procuram cultivar as inclinações altruístas, que ao Ocidente nos prendemos, a ele tudo devemos e dele esperamos a crise final por que passa a humanidade. Finalmente, a avenida da Penha (Reta da penha), orientada no rumo da extraordinária capela, é uma justa homenagem à história desta terra, onde o catolicismo, impondo-se ao fetichismo indígena, ergueu o monumento que tanto impressiona pela sua imponência com que se apresenta à imaginação – (Texto tirado do livro **A Construção das cidades segundo seus princípios artísticos**, de Camillo Sitte).

Proposta foi objeto de tese de mestrado na USP

A idéia da tese **Novo Arrabalde: Aspectos da Formação Urbana de Vitória** surgiu como forma de cumprir um requisito acadêmico, para a obtenção do grau de mestre, na Universidade de São Paulo (USP), segundo contou o engenheiro e professor Carlos Teixeira de Campos Junior. “Eu tinha a preocupação de compreender o processo de urbanização de Vitória e passei a ler e estudar para saber se havia alguma produção sobre o assunto. Como não encontrei, parti para a leitura, inicialmente, das mensagens de governo da administração Muniz Freire (1892-1896). Havia proposta uma área de expansão urbana seis vezes o tamanho então ocupada por Vitória, que possuía pouco mais de 10 mil habitantes, em 1892. Esta área é o projeto Novo Arrabalde, do engenheiro Saturnino de Brito. Outro fato curioso, que chamou minha atenção, foi isso ter sido proposto pelo governo, que pretendia adotar uma nítida atitude empresarial, se dispoñdo a vender e obter lucros”, revela o pesquisador.

Na época, essa prática era da iniciativa privada, principalmente dos grandes

centros, como cita o professor, o exemplo dos loteamentos do Largo do Arouche, Chácara do Chá, Higienópolis, etc. “A busca da lucratividade na venda de terrenos era uma prática da iniciativa privada, de companhias como a City, de capital inglês, associada à Ligth. Essa parceria tinha como estratégia, não só ganhar vendendo terrenos de loteamentos projetados distantes do centro e servidos pelos bondes, mas também vendendo energia. À medida que as pessoas utilizassem os bondes para ter acesso a essas áreas – que foram os Jardins –, no caso de São Paulo – aumentavam o consumo.

Essa estratégia não funcionou em Vitória. “Então, fui tentar entender a iniciativa do governo, que estava se contrapondo a uma regra verificada nos grandes centros, e que dava a eles destaque diferenciado no processo de produção de Vitória. Isso passou a ser o meu objeto de estudo. Ou seja, compreender as razões que levavam o governo do Estado a propor uma área de expansão urbana para Vitória, onde ele próprio tinha intenções de ganhos imobiliários”.

Foto de Sérgio Luiz Cardoso



Teixeira fez levantamento e estudos para tese